

PROFESSOR PERSONAGEM

Marlise Vaz Bridi¹

Por que estudar em conjunto a imagem do professor e a literatura? Por que estudar o professor como personagem? Talvez fosse possível dar a essas perguntas muitas e variadas respostas e talvez não fosse completamente impertinente responder apenas com uma outra pergunta: por que não olhar diretamente para o professor real ao invés de ficar olhando para ele através da ficção?

A escritora e ensaísta canadense Nancy Huston inicia sua obra *A espécie fabuladora* com uma situação análoga:

De repente, a presidiária que até então tinha ficado calada levanta a cabeça, olha bem nos meus olhos e diz: Para que inventar histórias quando a realidade já é tão extraordinária? [...] Estou na penitenciária de Fleury-Mérogis. As outras participantes do clube de leitura da prisão feminina estão me olhando. Todas elas aguardam a minha resposta. O silêncio se prolonga, e sinto um abismo se abrindo entre nós, pois, não há dúvidas, a realidade delas é muito mais extraordinária do que a minha.” (HUSTON, 2010, p. 13)

Nancy Huston, depois de encarar a pergunta dessa mulher, não tem (ainda que pudesse dá-la) a resposta pronta e decide-se refletir, por mais de 100 páginas, para só então ensaiar respostas. E suas respostas vão em direção à necessidade que o homem (a humanidade) tem de efabular, construir histórias.

As nossas memórias, todas elas, são *construídas* e a própria realidade é, em última instância, fruto de construções inseparáveis de fatores subjetivos, quer sejam individuais – nossos limites pessoais – quer sejam ideológicos e culturais – nossos limites coletivos. Tais constatações, ou seja, de que a memória e a realidade são construídas em seu sentido último, já contam com vasta tradição de estudos filosóficos e científicos que foram sendo desenvolvidos, sobretudo, nos dois últimos séculos.

Dentro desse quadro, as memórias que temos de pessoas e de fatos são objeto de constante redesenho, reelaboração e retoque, procedimentos característicos do processo ficcional que nos fazem desejar ouvir, ler e criar (boas) histórias, sejam *verdadeiras* ou

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e uma das organizadoras do presente número dos *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*.

falsas em relação ao mundo empírico que, de resto, será sempre submetido a interpretações (também parciais e incompletas).

Ao contarmos (ou comentarmos) qualquer episódio da vida cotidiana, colocamos em ação os mecanismos de uma narrativa, mesmo quando não temos consciência deles. Uma narrativa conta uma história (quer a chamemos de fábula, enredo ou qualquer outra coisa mais ou menos técnica); alguém conta a história (há um narrador, um ponto de vista); há um tempo e um espaço que a localizam temporal e espacialmente (de maneira clara ou obscura); mas, sobretudo, aquilo que acontece e alguém conta, num dado tempo e espaço, *acontece a alguém*.

O coração de uma narrativa é a personagem.

Enquanto formos humanos e houver humanidade tal qual a concebemos e configuramos, a ideia de personagem estará ligada, de maneira inseparável, à pessoa. É por isso que todas as vezes que, no plano ficcional, nos deparamos com animais ou coisas, eles só serão personagens se, em alguma medida, existirem como seres humanos: ou falam, ou se comunicam, ou sentem como humanos (muitas vezes, como humanos cruéis, mas humanos...).

Entretanto, é da maior importância atentar para o fato de que há uma diferença essencial entre a realidade e a narrativa da realidade e, portanto, entre a personagem e a pessoa. A narrativa é, por sua própria constituição, uma construção que é incapaz de recobrir inteiramente o real que, para ser uma cópia exata, teria de ser ele mesmo (ou seja, a narrativa pode ser *similar* ao real, mas não *é* o real); da mesma forma, uma personagem é sempre, por mais próxima que seja de uma pessoa, sua redução.

A construção de uma personagem, portanto, apoia-se no princípio da verossimilhança (mais ou menos bem realizada) e não no de sua veracidade. As personagens são seres de linguagem (seja qual for a linguagem – verbal ou não-verbal), são figuras ou figurações: é justamente por isso que, em uma narrativa, as personagens são mais facilmente apreendidas (e, às vezes, compreendidas), pois, nesse lugar de linguagem, com maior ou menor esforço, podemos melhor flagrar seu funcionamento.

Talvez seja por isso que pensamos em estudar os professores, ou melhor, a imagem dos professores em obras literárias. Em primeiro lugar, haverá sempre a oportunidade de observar e aquilatar a maior ou menor qualidade na construção de uma personagem. Também passa a ser possível descortinar as consequências éticas dos atos das personagens que são colocadas em ação dentro de uma narrativa, em confronto com outras personagens e passíveis de avaliação. Por outro lado, é possível fixar a imagem

de professores em processo de modificação no tempo e no espaço, e não apenas em um recorte sincrônico, como quando lidamos com professores reais. Certamente, essas são algumas vantagens de trabalharmos com personagens, com obras de ficção, mas não são as únicas.

A necessidade que, como humanidade, temos de efabulação (necessidade essa anteriormente aludida), cria em nós o prazer de querermos saber como se desdobra uma história, como aquela situação se resolve (ou não). Há, portanto, um forte elemento motivador incluído no estudo do estatuto do professor através de personagens, através de obras de ficção. Os professores dos livros, o professor personagem, deixam-nos inteiramente livres e sem culpas para os olharmos com certo distanciamento que, em última instância, não temos em relação a pessoas reais, aos nossos próprios professores aos quais, afinal, estamos ligados por experiências vividas.

O escritor sefardita-alemão, ganhador do Nobel de literatura de 1981, Elias Canetti diz-nos em suas memórias:

Agora quando os faço desfilar diante de mim, admiro-me da diversidade, da peculiaridade, da riqueza de meus professores de Zurique. De muitos deles aprendi tudo aquilo que correspondia às suas intenções, e a gratidão que agora sinto após cinquenta anos, por estranho que possa parecer, se torna maior a cada dia que passa. Mas também aqueles de quem pouco aprendi estão tão nitidamente à minha frente como pessoas ou como figuras, que só por isso me sinto em dívida com eles. São os primeiros representantes daquilo que mais tarde constituiu para mim a essência do mundo, a sua população. (CANETTI, 1977, p.175)

Os professores reais de Elias Canetti, vistos em conjunto e à distância (temporal e espacial), ainda que em sua *diversidade, peculiaridade e riqueza*, são a representação primeira da *essência do mundo, a sua população*, pois são também a primeira grande experiência do Outro para a maioria das pessoas. Antes da escola (ainda que nos dias atuais seja difícil pensar em *antes da escola* pela tenra idade em que as crianças são nela colocadas), o nosso contato com o mundo era sempre com o familiar e o próximo; não com o outro, o estranho e o diferente. A escola, as outras crianças e os professores sempre foram, tradicionalmente, a possibilidade do encontro e da convivência com a diversidade. É ainda a sensibilidade de Elias Canetti que nos aponta para esse aspecto da relação fundamental que é a que se estabelece entre professor e aluno:

A multiplicidade dos professores era surpreendente; é a primeira diversidade de que se é consciente na vida. Que eles ficassem por tanto tempo parados à nossa frente, expostos em cada um de seus movimentos, sob incessante observação, hora após hora o verdadeiro objeto de nosso interesse, sem poderem se afastar durante um tempo precisamente delimitado; a sua superioridade, que não queremos reconhecer de uma vez por todas e que nos torna perspicazes, críticos e maliciosos; [...] e, mais ainda, a alternância dos personagens, um após outro, no mesmo papel, no mesmo lugar e com a mesma intenção, portanto eminentemente comparáveis – tudo isso, em seu efeito conjunto, é outra escola, bem diferente da escola formal, uma escola que ensina a diversidade dos seres humanos. (*Idem*, p.174)

Se os professores (reais) são *personagens* que diante de nós se constroem na medida em que para os seus alunos eles só se mostram parcialmente (e, portanto, são partícipes das condições das personagens ficcionais), ao mesmo tempo são, potencialmente, pelo simples fato de existirem em diversidade, uma verdadeira oportunidade de aprendizado. Como é consabido, é na relação estabelecida (e não exclusivamente nos conteúdos ministrados) que se apoiam o sucesso e o fracasso do processo ensino-aprendizagem.

Por outro lado, os que se decidem a adotar, como sua, a profissão de professor terão de se deparar com a contrapartida desse processo. Enfrentarão, dia a dia, alunos personagens, diferentes entre si, que só se deixam entrever (não são inteiramente visíveis, nem compreensíveis), que não envelhecem enquanto envelhecemos (todos os anos, continuam milagrosamente jovens!), que nos questionam e nos impelem à modificação constante, enfim, nos ensinam *a diversidade dos seres humanos*.

Os livros em que a relação professor aluno é encenada podem ser, então, um lugar privilegiado para a observação algo distanciada e, ao mesmo tempo, envolvida, das situações em que professores personagens e alunos personagens, recobertos pela capa mágica e prazerosa da ficção, enfrentam-se. Tal enfrentamento, entretanto, não se manifesta sempre como um combate (embora, algumas vezes, efetivamente possa ser dessa forma que a relação se dê), mas também como cumplicidade, amizade, amor, inveja, ódio e toda a sorte de complexidades que envolvem os seres humanos e, portanto, reaparecem estilizados na literatura e nas narrativas ficcionais de um modo geral (filmes, novelas de televisão, canções narrativas, etc.).

A literatura em particular, e de maneira especial a de grande qualidade estética, possibilita que experimentemos outros pontos de vista, outras vivências e outros valores, diversos dos nossos próprios. Amplia nossa visão de mundo e possibilita que tenhamos empatia em relação a pessoas e a situações que nossas vidas *reais* não propiciariam. Falamos em literatura porque seu apelo à imaginação na construção de imagens a partir de palavras (e não das próprias imagens, como no cinema, por exemplo) deixa seu discurso aberto e incompleto, funcionando, nesse sentido, como um estímulo constante à reflexão e ao pensamento crítico.

A discussão em sala de aula de obras em que as questões atinentes às personagens professor e aluno, ao espaço da escola como cenário e ao papel que tanto a instituição como seus agentes (professores e alunos) têm no interior da sociedade surge como oportunidade de refletir sobre o papel político implícito (e inexpugnável) de cada uma dessas instâncias. É também um exercício profundo de autoanálise e de conscientização posto que metalinguístico, pois se efetiva dentro do *locus* em que a relação se estabelece.

Para além dos equívocos e paradoxos que os sentidos do humano possam abarcar, será com Lídia Jorge, grande ficcionista portuguesa das últimas décadas que esboçaremos uma resposta (não conclusiva como devem ser as respostas às grandes questões) as perguntas iniciais. Lídia Jorge fala-nos, em suas memórias da infância, da escola:

Só que um dia haveria de chegar o momento da redacção fatal – “O que serei quando for grande”. [...] Senti nesse princípio de aula o coração bater descompassado pensando que ia nesse momento estabelecer uma ponte com alguém, meu ouvinte e conselheiro, meu amigo, e comecei – “Quando eu for grande quero ser como Sapho” [...] A professora deveria dizer: “Muito bem, continua”, estimando-me, sem dúvida. Mas isso não aconteceu. Continuou em silêncio e leu em voz alta: “Quando eu for grande quero ser como sapo...” Puxou-me levemente pela trança esquerda. “Sapo? Mas que ideia é essa?” [...] Senti-me nesse momento infinitamente menor e maior que a professora, quis falar e não consegui. [...] Risquei e substituí: “Quando for grande quero ser professora”. (JORGE, 1983, pp. 14-15)

Esta cena reconstituída pela memória da escritora já adulta (e famosa) de seus primeiros tempos de escola, evidentemente escrito com todo o aparato do bem escrever,

que bem articula os elementos constitutivos da narrativa para desenhar com verossimilhança uma situação paradigmática do ensino de redação, pode, a nosso ver, propiciar ao leitor a dupla e simultânea condição de envolver-se e de observar criticamente a situação, dada a qualidade do estilo da autora e a *verdade* do depoimento. No trecho, estão elementos de vária ordem como, por exemplo, a relação de poder que se estabelece entre professor e aluno. No caso, a professora, apesar de sua ignorância em relação à Sapho (a grande poetisa da antiguidade a ponto de ser alçada a condição de uma das musas gregas) constrange e inibe a menina culta que ainda não sabe como se defender. Por outro lado, trata-se de uma aula de ironia, pois mesmo oprimida a menina, sem saída, adere à sua opressora dizendo pretender ser professora.

Muitos percursos de leitura podem ser extraídos mesmo de um pequeno trecho como este. É possível questionar as redações convencionais, os temas imotivados, o mesmo mote oferecido a pessoas diferentes, a padronização das expectativas, o ensino tradicional, a agressividade entre adulto e criança e um sem número de outras possibilidades de leituras que tão-somente uma obra literária (ou de arte) consegue vivificar.

Portanto, consideramos a literatura um vasto campo a ser explorado em relação, especificamente, à presença de professores em suas páginas. Que se saiba, os estudos que ora apresentamos, se não são obviamente totalmente pioneiros (haja vista os estudos frequentemente realizados em cursos de pedagogia de obras como, por exemplo, *O Ateneu* de Raul Pompéia), são, sem dúvida, um objeto pouco explorado, embora o olhar mais cuidadoso que lançamos ao levantamento da presença de personagens professores na literatura tenha revelado que elas são muito mais frequentes do que imaginávamos.

O estudo do professor personagem permitirá a construção de muitas hipóteses de trabalho, tanto para pesquisadores da literatura como para pesquisadores da área da educação.

Referências Bibliográficas

- HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Um breve estudo sobre a humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- JORGE, Lídia. “Escrever”, *EPA* (Estudos Portugueses e Africanos) nº 5. Campinas: Revista do IEL, Unicamp, 1983.